

Rhodia ainda contra

O presidente da Rhodia, Édson Vaz Musa, disse que a empresa manterá em US\$ 500 milhões o nível de investimentos que fará no Brasil, nos próximos cinco anos, embora tenha redefinido o ritmo de aplicações. Os investimentos de US\$ 100 milhões previstos para este ano deverão sofrer um pequeno atraso, como foi revelado pelo balanço da empresa.

Apesar das incertezas econômicas, sociais e políticas existentes no momento, "o Brasil será sempre uma excelente opção de investimentos", afirmou o presidente da Rhodia, ao participar, domingo à noite, do programa "Crítica e Autocrítica", pela TV Bandeirantes, juntamente com o assessor do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga Belluzzo, secretário executivo do Fundo Nacional de Desenvolvimento, e o presidente do Grupo Iochpe, Ivoncy Iochpe.

A política de investimentos da Rhodia, segundo o empresário, é uma decisão estratégica de longo prazo, "mas é preciso ficar claro que uma empresa não é uma fábrica de dinheiro. Ela precisa ter lucratividade para poder investir". Musa explicou que a rentabilidade das indústrias em geral vem caindo desde o final do ano passado, quando deixou-se de ganhar em volume, pois a capacidade de produção chegou a saturação.

Ao mesmo tempo, disse, os preços permaneceram congelados e os custos de salários, juros e serviços aumentaram significativamente. "Houve uma tal diminuição de fluxo de caixa que, no caso da Rhodia, tornou-se impossível a manutenção da mesma cadência de investimentos. Mesmo assim, falar em lucro é quase um palavrão no Brasil. Os investimentos são uma das soluções para os nossos problemas, mas eles não existem, se não houver rentabilidade", destacou.

Confiança no País

A diretoria da Rhone-Poulenc, matriz da Rhodia na França, avalia com tranquilidade os problemas econômicos brasileiros, mesmo depois da suspensão do pagamento da dívida externa. Musa, um dos cinco integrantes do comitê executivo da matriz, recorda que a empresa "tem um casamento de inteiro sucesso com o Brasil", onde está instalada há 67 anos. "Já tivemos dificuldades e soubemos ultrapassá-las. Por isso, continuamos confiantes no País, embora a velocidade da crise cambial tenha causado surpresa a todos nós."

Ao elogiar o País como "excelente opção de investimentos", o presidente da Rhodia enfatizou diferentes aspectos positivos, apesar do clima de pessimismo geral. "Temos um mercado interno forte, estamos na chamada zona do dólar, o que diversifica os investimentos europeus, e temos mão-de-obra. O Brasil precisa, porém, de estabilidade política, econômica e social. Nós nos recusamos a trabalhar com a hipótese de isolamento do nosso País por causa dos problemas da dívida externa, pois o Brasil já atingiu tal importância no cenário mundial, que uma solução será encontrada", comentou.

O presidente da Rhodia revelou que a Rhone-Poulenc trabalha com uma projeção de crescimento da economia de 2% para os países industrializados. "Os países em via de desenvolvimento dependem da solução dos problemas da dívida e, ainda, do que acontecerá com a China e a URSS, que estão se abrindo para atrair capitais. Nós entendemos que o Brasil pode e deve crescer, em média, de 4 a 5% ao ano, uma expectativa possível a longo prazo. Mas é preciso que tenhamos uma recuperação de nosso nível de poupança externa, além de uma definição da vocação ideológica deste País".

Na opinião de Musa, é preciso deixar claro se a política brasileira é aberta para o resto do mundo ou não, caso contrário fica difícil qualquer decisão de investimento externo. "Sou contra qualquer reserva de mercado, mas defendo o desenvolvimento de um capitalismo privado nacional forte, que é possível a partir de estímulos e não de restrições. Reserva de mercado no Brasil não constrói, pois precisamos de tecnologia e temos déficit em educação e, portanto, em pesquisa. Fico satisfeito ao ouvir um representante do governo, Luiz Gonzaga Belluzzo, defender estímulos para o desenvolvimento industrial", concluiu.